



RELAÇÃO TERAPÊUTICA E MODERNIDADE LÍQUIDA: IMPLICAÇÕES PARA A PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA

Flávio Lúcio Almeida Lima¹, Byanka Alves de Andrade Sousa², Lanna Jennifer Elias Pereira³

1 Doutor em Psicologia Social – UFPB. Professor da Unidade Acadêmica de Psicologia - UFCG

2 Graduada em psicologia – UFCG.

3 Graduada em psicologia - Faculdade UNINASSAU/JP. Especialista em Psicologia Humanista e Abordagem Centrada na Pessoa.

RESUMO

Uma efemeridade paira sobre os relacionamentos humanos na atualidade que se configura a partir de uma espécie de modernidade líquida, fluida, superficial e que encaminha os sujeitos cada vez mais à individualidade e ao isolamento. Sob esse viés, pode-se refletir que o homem atual desenvolve relações superficiais que pouco denotam sua experiência trazendo um fechamento em si. O presente estudo compreende que a construção da subjetividade ocorre de maneira histórico-dialética, ou seja, pauta-se na história e funcionamento social em que se está inserido. Desse modo, o estudo trata-se de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa de caráter exploratório, que intercepta principalmente as proposições teóricas de Zygmunt Bauman acerca da modernidade líquida e Carl Rogers no que concerne a relação terapêutica proposta pela Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Portanto, teve como objetivo discutir as implicações da modernidade líquida segundo Bauman para a relação terapêutica na psicoterapia centrada na pessoa de Carl Rogers.

Palavras-chave: Relação terapêutica; Modernidade Líquida; Abordagem Centrada na Pessoa; Psicoterapia.

ABSTRACT

An ephemerality is hovering over human relationships nowadays, which is configured on a kind of liquid, fluid, superficial modernity, which increasingly directs individuals to individuality and isolation. Under this bias it is possible to reflect that the actual human being develop superficial relationships that barely denote his experience, bringing a closure in itself. The present study understand that the subjectivity construction occurs in a historical-dialectic way, that is based on the history and social functionality that is insert. So, the study is about a bibliographic review of narrative way and exploratory character that intercepts mainly the theoretical propositions from Zygmunt Bauman about liquid modernity and Carl Rogers on what is about the therapeutic relationship proposed by the Centered on Client Therapy. Therefore it had as objective discuss the implications of liquid modernity according to Bauman and to a therapeutic relationship based on client centered therapy from Carl Rogers.

Keywords: Therapeutic relationship; Liquid Modernity; Client Centered Therapy; Psychoterapy.



INTRODUÇÃO

Tomando como pressuposto a natureza social do ser humano, percebe-se que a cultura pós-moderna exerce grande influência sobre a subjetividade e, conseqüentemente, sobre sua forma de estabelecer vínculos. Os sujeitos contemporâneos têm suas relações marcadas por contornos de fragilidade advindas, principalmente, da velocidade de funcionamento que a forma capitalista do mundo solicita.

Em vista disso, uma efemeridade paira sobre os relacionamentos humanos que se forjam a partir de uma espécie de modernidade líquida, fluida, superficial, desapegada de compromissos sociopolíticos, pautada em um consumismo exacerbado. Tal contexto impele os sujeitos a concentrar seus focos no consumo, sem pensar nas conseqüências de suas compulsões e encaminhando-se, cada vez mais, à individualidade e ao isolamento afetivo como formas de proteção [1]. Sob esse viés, observa-se que o homem atual desenvolve relações superficiais que pouco denotam sua experiência, trazendo com isso um fechamento em si.

Neste cenário, torna-se difícil a solidez nas relações, o que pode repercutir na produção de formas de sofrimento psíquico. Sofrimento este, motivador, muitas vezes, da busca pela psicoterapia. Segundo Rogers [2] e a psicologia humanista, o homem é inerentemente relacional, é através de uma relação de abertura à experiência que o crescimento psicológico acontece. A psicoterapia, então, é a relação por excelência que busca a experiência humana em sua essência, é o lugar de abertura existencial ao outro. Todavia, como desenvolver um processo psicoterápico em um contexto cultural de relações líquidas que pouco traduzem essa experiência em sua essência? É nessa problemática que se configura o desafio para a realização do processo psicoterápico. Uma vez que, no contexto pós-moderno parece não existir tempo para deparar-se com o outro, nem muita familiaridade na lida com vínculos que possibilitem e estimulem uma existência instituída tão somente em uma liberdade experiencial. Assim a relação psicoterápica se apresenta convocando encontro entre pessoas caracterizado pela abertura à experiência, aceitação e autenticidade.

Desse modo, somando a compreensão que a construção da subjetividade ocorre de maneira histórico-dialética, ou seja, pautada na história e funcionamento social em que se vive, o presente estudo tem como escopo relacionar as proposições teóricas do



filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman [1, 3, 4, 5, 6] acerca da pós-modernidade e do psicólogo e teórico Carl Rogers [7,8] no que concerne a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e sua visão de psicoterapia. Salienta-se que tal reflexão é necessária não somente por agregar conhecimento ao campo das psicoterapias, sobretudo a ACP, mas também por fomentar discussão da influência sociocultural na construção da subjetividade. Assim, o estudo justifica-se importante por se tratar de uma proposta que ultrapassa os muros de uma matriz de pensamento psicológico, tocando a psicologia e suas práticas de maneira ampla, sobretudo, a psicologia clínica.

O estudo se pauta numa revisão bibliográfica do tipo narrativa, de caráter exploratório que, conforme Rother[9] têm papel fundamental para a educação continuada, uma vez que permite ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre uma temática específica num curto espaço de tempo. Para tanto, foi utilizado como fonte de dados publicações científicas (artigos, livros, monografias, dissertações, teses, etc) adquiridas por meio de plataformas e/ou sites de busca científica (Google Acadêmico, Scielo, Lilacs e Portal Capes). Utilizou-se como descritores termos ligados ao problema e objetivo da pesquisa os quais foram associados durante a busca, a saber: “modernidade líquida”, “ACP”, “relação terapêutica”, “relação líquida” e “cultura pós-moderna”.

Diante disso, optou-se por desenvolver a discussão, inicialmente, pelo que coloca Bauman[3] sobre a liquidez das relações na contemporaneidade e suas repercussões na subjetividade e relacionamentos atuais. Em seguida, buscou-se registrar apontamentos da teoria rogeriana a respeito do sofrimento psíquico no mundo contemporâneo e como desenvolve-se a psicoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa. E, por último, o debate acerca da possível relação e efeitos da liquidez pós-moderna no processo psicoterápico proposto na ACP, contribuindo na construção de reflexões que ressaltam o potencial da clínica rogeriana no mundo atual. Ante o exposto, o objetivo do estudo em questão foi discutir as implicações da modernidade líquida segundo Bauman para a relação terapêutica na psicoterapia centrada na pessoa de Carl Rogers.

A LIQUIDEZ MODERNA EM BAUMAN E SUAS REPERCUSSÕES NA SUBJETIVIDADE HUMANA



A pós-modernidade possui enquanto uma das mais evidentes características de seu contorno, a liquidez. Nesse sentido, falar de pós-modernidade implica falar sobre um mundo repleto de sinais confusos, propensos a mudar com rapidez e de forma imprevisível [4]. Este tempo histórico, marcado pela transitoriedade e aceleração, repercute na constituição das identidades dos sujeitos. Desse modo, discutir sobre o homem pós-moderno é abordar um sujeito que lida com a fluidez, o individualismo e a efemeridade em suas relações de forma direta e constante. É importante ressaltar que o conceito de líquido em Bauman denota uma mudança na relação do homem com o seu mundo a qual é marcada por uma instabilidade na construção da identidade, fragilização vincular e relações mediadas por sensação de medo [10].

Para Bauman[3], o modo de funcionar pós-moderno, acelerado, rotatório, consumista e essencialmente virtual, exerce influência sobre o modo de ser no mundo dos sujeitos. A partir da primeira metade do século XX, com o avanço das tecnologias, fomos encaminhados a uma vida diária com a instantaneidade. Dessa maneira, quem somos e como nos relacionamos é atravessado diretamente por esse modo líquido de ser.

Portanto, pode-se afirmar que as relações hoje são reconfiguradas, sujeitando-se aos pilares do consumismo, caracterizado pelo uso e descarte frenético de bens. Conforme Berman[11], o uso cada vez mais veemente de maquinários e a aceleração do ritmo de vida do trabalhador alteraram drasticamente o modo como as pessoas passaram a relacionar-se entre si, configurando uma sociedade voltada para o consumo.

Em tal conjuntura, o outro torna-se mais uma mercadoria disponível para ser consumida e os relacionamentos, de certa forma, tornam-se influenciados pela lógica mercadológica e consumista[12]. No momento em que o indivíduo assemelha o outro de suas relações aos seus objetos de consumo, o “descarte” torna-se algo naturalizado. Tendo em vista que se desloca a outra pessoa da condição de sujeito para concebê-la como “produto”, tende-se a um “descarte” ou “troca” sem muita dificuldade [13]. Tais concepções se refletem nas relações interpessoais no mundo hoje e trazem consequências tanto para o indivíduo como também para os seus pares sociais. De acordo com Sá e Retz [14], nos tempos líquidos postulado por Bauman, não há segurança, as grandes cidades representam lugares de aprisionamento e ansiedades, os laços afetivos não são fecundos, as relações são fluidas e flexíveis,



funcionam como redes que podem ser tecidas ou deletadas, os vínculos desaparecem facilmente, não há permanência.

A esse respeito, Retondar [15] aponta em seus estudos que o campo da atividade consumista deixa de ser espaço da atividade econômica para se constituir enquanto campo de produção de significados e formas simbólicas. O autor pontua que o ato de consumir passa a mediar as relações sociais, “transfigurando através desta atividade, conflitos políticos, de gênero, distinções étnico-raciais, reprodução de valores entre um conjunto de outros elementos que são sustentados ou negados simbolicamente no interior deste campo” [15].

Além disso, outro aspecto da pós-modernidade influente na subjetividade humana, muito discutido nos escritos de Bauman[6], é o caráter virtualizado que as relações interpessoais acabam absorvendo da forma de envolver-se nas redes sociais. Conforme o autor, as relações são agora “conexões” que na mesma medida que se estabelecem com muita facilidade, se desfazem na mesma proporção, fazendo com que tudo seja breve, superficial e descartável. As relações, neste momento histórico, já incluem desde seu início a possibilidade de serem rompidas a qualquer momento. Conforme Silva e Carvalho [16], existe no mundo atual um empobrecimento afetivo-relacional o qual sofre influência da ligação de amizade e processo de virtualização relacional decorrente das novas tecnologias, a construção e manutenção de laços densos é urgente no tempo presente, tal realidade aponta para uma problematização da ética contemporânea em vista do desenvolvimento de uma nova política afetiva. De acordo com Bauman[6] as pessoas estão desaprendendo a se relacionar tornando-se cada vez mais angustiadas, solitárias, individualistas e sedentas de contato, ao mesmo tempo em que não querem abrir mão da liberdade e autonomia que a pós-modernidade lhes trouxe.

Assim, atravessado por todas estas tangentes anteriormente citadas, a saber: a fragilidade e superficialidade dos relacionamentos, a transformação dos sujeitos em mercadorias descartáveis e o individualismo, o quadro líquido moderno se constitui. Este quadro repercute na subjetividade humana de maneira geral, ou seja, na construção da identidade dos sujeitos, em seus relacionamentos e, sobretudo, nas formas de sofrimento psíquico.

A respeito das identidades, partindo do pressuposto que sua construção ocorre de uma forma histórico-dialética [17] podemos considerar possíveis efeitos que a modernidade líquida exerce sobre tal. Ciampa (2001 *apud* LIMA, 2014) [18] advoga



que as identidades configuram-se a partir das relações sociais. Para esse autor, “a identidade funda-se numa abordagem dialética onde os aspectos individuais se relacionam com os aspectos sociais, políticos, econômicos e históricos” [18]. Em outras palavras, o homem determina-se por meio de um conjunto de relações sociais e a identidade como produto de uma construção contínua. A identidade sob o vies de Bauman é vista como um “processo ambivalente que oferece liberdades, amplitudes de ação e pluralidades e ao mesmo tempo produz uma imensa sensação de angústia no indivíduo líquido moderno” [19]. Neste sentido, para esses autores seria concebível enxergar o homem com um ser que reconfigura atributos e identidades a partir das exigências do contexto, sendo alegoricamente concebido como um “camaleão social”.

Ainda nesta perspectiva, os escritos de Cugini (2008 *apud* PIVETTA *et al* 2012, p. 343) [20], reforçam o caráter histórico-social da identidade, quando o autor pontua que “a identidade pessoal não se constrói de forma isolada, mas, na sociedade, e nela os relacionamentos afetivos têm importância fundamental”. Segundo, Bauman [1] a partir do processo líquido moderno de inovações emerge uma identidade diferenciada, que não tem mais um modelo próprio definido para seguir, como na época da modernidade, por exemplo; e, por esse motivo, o ser humano atravessa um processo de crise identitária. Assim, em um contexto em que a sociedade caracteriza-se como fluida, pela ausência de relacionamentos afetivos de qualidade, o procedimento formativo das identidades pessoais pode ser comprometido. Um mosaico de contatos líquidos e superficiais toma o lugar dos relacionamentos sólidos, causando um movimento no qual a presença do outro não convoca uma interação social diária e direta [21]. Esta interação, conforme Cugini [22], é fundamental para o desenvolvimento da identidade pessoal que, no mundo líquido, está sendo descartada e substituída.

Conforme visto anteriormente, a marca de instantaneidade da modernidade líquida surgiu do campo mercadológico e influenciou a construção da subjetividade, o que contribuiu na formação de indivíduos cada vez mais isolados, inseguros e ansiosos. Tal cenário tem causado, além de uma confusão nos sujeitos no que diz respeito ao processo de construção identitário e vincular, um aumento do número de pessoas em sofrimento psíquico, em grande parte decorrentes de relações interpessoais superficiais, bem como dos padrões de referência em uma cultura que se transforma de forma muito rápida.



Como exemplo de tal realidade, pode-se citar a forma como os imperativos de padrões de beleza e a busca frenética por resultados rápidos podem influenciar no desenvolvimento de transtornos de distorção de imagem e transtornos alimentares, sobretudo na adolescência [23, 24, 25]. Além disso, a insegurança, as preocupações inclinadas para o futuro, o isolamento e insatisfação com a vida, podem estar na base de muitos transtornos de humor e de ansiedade [26, 27, 28].

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde [29], uma em cada quatro pessoas no mundo sofrerá uma condição de saúde mental na sua vida. O que implica pontuar que um quarto da população mundial, em determinado momento da vida, irá deparar-se com o sofrimento psíquico a ponto de vivenciar perturbações mentais e comportamentais. No que se refere aos transtornos alimentares, a OMS adverte seu aumento entre os jovens, especialmente devido ao constante apelo da mídia em relação à busca por um determinado padrão de beleza e consumo, muitas vezes inalcançável. Acerca de transtornos como a depressão, globalmente, estima-se que 300 milhões de pessoas são afetadas por essa condição. Além da depressão, a OMS indica que, ao redor do mundo, 264 milhões de pessoas sofrem com transtornos de ansiedade, uma média de 3,6%. O número representa uma alta de 15% em comparação a 2005. Em relação ao do transtorno bipolar, estima-se que afeta cerca de 60 milhões de pessoas em todo o mundo.

Frente ao exposto, percebe-se que o mundo contemporâneo sofre impactos de uma transitoriedade que assola as relações e a subjetividade, produzindo sofrimentos que fundamentam muitos transtornos psíquicos. Nesta perspectiva, observa-se no homem atual uma certa dificuldade em se voltar para uma existência fundada tão somente numa liberdade experiencial, conforme afirma a psicologia humanista de base rogeriana. Portanto, temos como produto da modernidade líquida, tal qual advoga Bauman, uma extrema dificuldade de apropriação do homem a sua experiência. Torna-se necessário, então, uma análise do que venha a ser liberdade experiencial e sofrimento psíquico de acordo com a visão centrada na pessoa, que será disposto no próximo tópico.

O SOFRIMENTO PSÍQUICO E A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA DE CARL ROGERS



A psicologia de base humanista emerge entre o fim da década de 50 e início dos anos 60, nos Estados Unidos, em contraponto a perspectiva de compreensão de homem defendida pelas psicologias oficiais da época, o behaviorismo e a psicanálise clássica. Na perspectiva humanista, os pressupostos dessas correntes eram reducionistas e deterministas. E, em oposição, propunha uma psicologia mais voltada para o homem, objetivando questões a respeito da pessoa integral (AMATUZZI, 2001; BEZERRA & BEZERRA, 2012) [30].

Para Moreira (2007 *apud* BEZERRA & BEZERRA, 2012) [30], o ser humano no humanismo é configurado como uma totalidade complexa, em processo, em devir, um ser implicado e configurado em seu ambiente, seja este físico, fenomenológico, experiencial, relacional ou sócio-histórico cultural. Em concordância com tal tendência, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers [8], propõe uma perspectiva psicológica alicerçada em duas proposições: 1) a existência de uma tendência atualizante no ser humano que o leva a se autocompreender e resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar um funcionamento adequado; 2) a necessidade de um ambiente que possibilite o exercício desta tendência, este ambiente seria um espaço de relações humanas favoráveis a valorização do “eu”, ou seja, um cenário de relações que não ameacem ou desafiem a concepção que o sujeito faz de si mesmo [31, 8].

A noção do eu é um importante conceito dentro da teoria centrada na pessoa. De acordo com Rogers[2], a noção que o sujeito tem de si caracteriza-se como uma estrutura perceptual, ou seja, “é um conjunto organizado e mutável de percepções relativas ao próprio indivíduo” [2]. O “eu” captura percepções que formam características, atributos, qualidades e defeitos, valores e relações que o indivíduo reconhece como características de si mesmo e de sua identidade. Ressalta-se que a noção do eu é constituída a partir da experiência da pessoa diante de um existir, o que denota seu caráter plenamente experiencial.

De acordo com Rogers [2], para que a ação diretriz da noção do eu possa exercer-se de maneira satisfatória, sendo conduzida a satisfação subjetiva do indivíduo e a eficácia de seu comportamento, é necessário que esta noção seja realista. E o que valida seu realismo é seu fundamento na experiência autêntica do indivíduo, isto é, naquilo que ele realmente experimenta. E a condição imprescindível para esse fundamento autêntico é a liberdade experiencial.



Esta liberdade consiste no fato de que o indivíduo se sente livre para acessar o reconhecimento e a elaboração de suas experiências e sentimentos pessoais como ele o entende. Neste sentido, Rogers “supõe que o indivíduo não se sinta obrigado a negar ou a deformar suas opiniões e atitudes íntimas para manter a afeição ou o apreço das pessoas importantes para ele” [8]. Na acepção rogeriana, a liberdade experiencial está em exercício quando o sujeito percebe que é permitido expressar-se da maneira que se é, sem reprimir o seu “eu”. Este movimento de expressar-se sem repressão e ameaças consistiria em uma vivência autêntica, o que caracterizaria a congruência. Em contrapartida, um distanciamento da liberdade experiencial e da autenticidade, seria equivalente a uma condição de incongruência e sofrimento psíquico. Portanto, o conceito de congruência consiste no grau de exatidão entre a experiência do organismo e a consciência de si [2].

No que se refere à incongruência, Santos[32] explica que seu surgimento se apoia na necessidade de consideração positiva que surge na pessoa desde o seu nascimento. Desde a infância, o ser humano sente a necessidade de ser aceito, ou seja, considerado em sua singularidade de experiência. Contudo, quando determinados elementos da sua experiência (desejos, sentimentos, necessidades) são associados ao sentimento de perda desta aceitação, pode haver um distanciamento da consciência desses elementos, ou até mesmo uma distorção do seu significado, de modo a possibilitar a manutenção de um conceito de si como sendo alguém indigno de aceitação e afeto. Assim, “o self que se vai elaborando sob tais condições de valor estará, em maior ou menor grau, afastado da realidade global da pessoa – estado de incongruência” [32]. Numa pessoa incongruente a imagem de si é falseada, os critérios de avaliação da experiência foram introjetados de outrem e não são adequados ao indivíduo. Não há exatidão entre o que se pensa de si e o que experiencia organicamente.

Desse modo, os sujeitos têm os parâmetros reguladores de seu comportamento distanciados de seus próprios critérios e objetivos. Conseqüentemente, o modo como se auto avaliam e o senso de análise para compreender o caráter prejudicial ou benéfico de situações ou experiências podem ser prejudicados, até mesmo os passos a caminhar para a resolução das suas dificuldades, será conduzido a opções inadequadas e, portanto, a sentimentos de insatisfação, incapacidade, desacordo e sofrimento [32, 8].



Nesse sentido, partindo da premissa de que o sofrimento psíquico emerge de um contexto no qual não há espaço para o livre exercício da autenticidade. Os dados contemporâneos que diagnosticam um crescimento de perturbações mentais representam uma fotografia de uma época histórica promotora de ambientes que inviabilizam o contato dos indivíduos com a liberdade de elaborar suas próprias experiências.

No contexto líquido moderno, manter-se em funcionamento de acordo com uma liberdade experiencial e, conseqüentemente, com uma congruência, torna-se uma realidade que exige cada vez mais esforço. Neste cenário, as crises de identidade estão em auge e os relacionamentos de caráter superficial permitem cada vez menos a demonstração de aspectos do “eu”. Como consequência, percebe-se que as pessoas se vêem mais isoladas em suas experiências com dificuldades em existir, tendo em vista os referenciais de pessoas e relacionamentos que a toda hora se estipula por meio da cultura.

Diante disso, frente à captura de sua liberdade experiencial realizada pelo modo de funcionar líquido moderno, os sujeitos “mergulham-se” cada vez mais no sofrimento psíquico por localizaram-se cada vez mais distantes de vínculos e relações promotoras de vivências fundamentadas na autenticidade. A ideia de sofrimento psíquico que se configura aqui é caracterizada por uma extrema dificuldade do homem atual em vir a ser de acordo com sua experiência tal qual já se ressaltava na perspectiva fenomenológico-existencial e se confirma com a psicologia humanista centrada na pessoa de Carl Rogers. De acordo com Forghieri[33], a psicopatologia fenomenológica é caracterizada por uma restrição de possibilidades entre a pessoa e o seu mundo. Quando o ser humano não dispõe de forma livre de possibilidades em se relacionar consigo e com o mundo, este homem estaria experimentado uma forma de ser deficiente e limitada o que lhe traria um estado de doença existencial.

Contudo, em oposição a esse modo operante, a psicoterapia rogeriana propõe, através de atitudes facilitadoras do terapeuta, favorecer um ambiente que possibilite o contato do cliente com a experiência de ser compreendido e aceito incondicionalmente, sem precisar preocupar-se em mascarar seus sentimentos e experiências. A proposta psicoterápica centrada na pessoa teria um caráter experiencial onde o objetivo se foca numa busca de vivência do homem em sua inteireza de ser sem se restringir a padrões ou normatividades impostas. Entretanto, como desenvolver um processo psicoterápico em um contexto cultural de relações



líquidas que pouco traduzem a experiência humana em sua essência? Há algum possível efeito da liquidez pós-moderna capaz de infiltrar-se no processo psicoterápico proposto na ACP? Se sim, será esse capaz de furar a impulsão da clínica rogeriana? Pretendemos dispor a seguir a discussão de tais questões.

POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES DA LIQUIDEZ MODERNA BAUMANRIANA NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA ROGERIANA

A Abordagem Centrada na Pessoa tem todo seu processo atravessado pela relação terapêutica. Para Natiello[34], Rogers considera esta relação como entidade em si mesma e acredita nela como facilitadora do crescimento e mudança do sujeito em sofrimento psíquico. Sendo assim, o modo como vincula-se o terapeuta e o cliente repercute diretamente no processo psicoterápico. Nesse sentido, considerando que o vigor terapêutico atribui-se a relação e posta a conjuntura liquefeita da pós-modernidade – que aponta o caráter superficial dos relacionamentos e das identidades – discutir em que medida este cenário toca o vínculo terapeuta/cliente torna-se fundamental.

De acordo com a ACP, o processo psicoterápico acontece a partir de atitudes desenvolvidas pelo terapeuta que fazem emergir uma atmosfera favorável a promoção do progresso do cliente. Para o alcance de tal atmosfera, alguns princípios a condicionam e, muitos deles, posicionam-se em contrapartida ao mundo pós-moderno, por proporem promover em sua execução o enaltecimento da liberdade de experiência dos indivíduos.

Assim, mesmo considerando a existência de vários princípios da ACP atravessados pelo que dispõe o quadro líquido moderno, optou-se aqui propor uma discussão acerca da não-diretividade e das atitudes facilitadoras cabíveis ao terapeuta, com a finalidade de, a partir destas noções, observar a postura contrastante que as mesmas adotam frente aos fundamentos funcionais da pós-modernidade e viabilizar a discussão de provável efeito na relação terapêutica centrada na pessoa.

A noção de não-diretividade proposta por Rogers alicerça-se na premissa que o indivíduo é plenamente capaz de conduzir seu processo. Nessa perspectiva, o concede espaço para dirigir o percurso mais eficiente até as questões que o angustiam, retirando assim o terapeuta de um lugar intervencionista e diretivo. Contudo, a não-diretividade não é sinônimo de inatividade ou indiferença, pois como



bem coloca Rogers [2], a não-direção está inspirada numa atitude incondicionalmente positiva do terapeuta o qual empenha-se no processo da terapia e procura não perturbar-lhe o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, esforça-se em facilitá-lo. Desse modo, a noção de não-diretividade liga-se, essencialmente, a abstenção de juízos de valor, posicionando-se de maneira totalmente paralela ao cenário social pós-moderno advogados por Bauman, responsável pela propagação de diversos imperativos moduladores das subjetividades, comportamentos e relacionamentos.

Todavia, o sujeito em sofrimento psíquico que equivale a uma condição na qual a liberdade experiencial foi capturada por um ambiente de repressão, quando encaminhado a psicoterapia e, conseqüentemente, ao contato com um cenário que propõe garantir-lhe o oposto, pode em certa medida, tornar-se receoso fazendo surgir uma barreira de resistência. Por estar tão cotidianamente inserido num espaço de diretividade e não aceitação, deparar-se com um contexto que o concede viver sua própria experiência pode soar inicialmente como algo inalcançável, até que se possa compreender que a relação terapêutica é diferenciada das relações interpessoais na cultura externa ao *setting* terapêutico.

Para Rogers[2], o que torna a relação entre terapeuta e cliente diferenciada das demais é seu caráter terapêutico. Para adquirir este caráter é necessário que o cliente reconheça em seu terapeuta três atitudes facilitadoras, a saber: 1) Aceitação positiva incondicional, que configura-se em aceitar veementemente cada aspecto da experiência do cliente e implica um cuidado não-possessivo que nota-se quando a terapeuta respeita a liberdade do cliente, e apesar da condição de sofrimento de cada sujeito investe-se crédito em sua tendência a atualização; 2) Congruência ou Autenticidade, que significa ser uma pessoa integrada com a sua experiência real representada em sua consciência. A pessoa está congruente quando ela está sendo livre e profundamente ela mesma, quando está vivenciando abertamente os sentimentos e atitudes que estão fluindo de dentro dela; 3) Compreensão Empática, que significa perceber acuradamente o quadro interno de referência da outra pessoa como se fosse o seu próprio, com os seus significados e componentes emocionais, mas sem, perder a condição de “como se”.

No entanto, mesmo frente a um cenário facilitado por um terapeuta com tais atitudes e pautado pela não-diretividade, ainda é possível encontrar clientes na vivência de terapia, convocando o julgamento do terapeuta, sua aprovação, suas críticas, orientações e direcionamentos, esperando deste profissional a repetição do



que comumente recebe em outros tipos de relações. Tal realidade coloca a psicoterapia centrada na pessoa um desafio para a transformação das relações atuais que se colocam. Por sua vez, Braga e Vandenberghe [35], apontam para uma possível emissão de um comportamento rígido dentro do contexto da relação terapêutica, por esta guardar uma similaridade funcional com o ambiente da vida diária do cliente.

Nesse sentido, podemos considerar que os indivíduos por encontrarem-se familiarizados à submissão a direcionamentos de terceiros sobre como deve ser, sentir, consumir e relacionar-se, ao serem introduzidos a um ambiente que os solicita um movimento de gozo em sua liberdade experiencial, podem apresentar como resposta uma certa rigidez ou mesmo resistência ao processo de terapia. Assim sendo, é nesta dimensão que acreditamos que o funcionamento líquido moderno é capaz de infiltrar-se no *setting* terapêutico, influenciando o estabelecimento do vínculo e favorecendo uma rigidez na relação entre terapeuta e cliente.

Nessa perspectiva, apesar de considerarmos a existência de uma rigidez ao processo que independe dos atravessamentos da pós-modernidade, por já existirem registros de Rogers [2], no qual o autor teoriza acerca de uma rigidez “natural” do ser humano, caracterizando como uma das fases que o cliente movimenta-se no processo de terapia. Acreditamos que a pós-modernidade e todas suas tangentes caracterizadas por Bauman (fragilidade vincular, modo de funcionamento pautado no consumismo, superficialidade de referências, etc.) possivelmente viabilizam um reforço a esta rigidez já presente. Em outras palavras, acreditamos que o modo líquido de funcionamento pode alavancar uma austeridade da parte do cliente, partindo do pressuposto que nosso comportamento, nossa subjetividade e nossa forma de relacionar-se são influenciados pelo social [36, 37], aquilo que compõe a modernidade líquida repercute na psicoterapia, sobretudo a de base centrada na pessoa devido seu teor relacional. E não somente no que se refere ao cliente, o terapeuta é também crivado por este mundo líquido, uma vez que assume um papel de catalisador da relação e responsabiliza-se a ser o militante direto de um espaço favorável a autenticidade. Sendo assim, se já reside dureza para abrir-se ao encontro terapêutico por parte do cliente, não seria igualmente custoso ao terapeuta incubir-se do convite ao encontro?

Todavia, mesmo frente a um panorama tão desafiador posto pela supracitada liquidez e seus atravessamentos, o sujeito moderno-líquido – seja ele cliente ou terapeuta – segue sendo um ser relacional [3] que, apesar de uma possível resistência



e de um possível desafio, permanece em alguma medida concedendo a clínica rogeriana a abertura para seguir marchando de forma impetuosa, em prol da construção de um espaço no mundo que permita aos indivíduos a vivência da autonomia de ser quem se é.

Desse modo, onde reside o desafio da ACP em tempos de pós-modernidade reside também a potencialidade da clínica rogeriana por propor aos sujeitos o espaço de favorecimento a autenticidade que lhe falta no contexto líquido moderno. Durante um caminhar juntos de terapeuta e cliente, um vínculo afetivo pode ser solidificado e através disso a vivência de encontro pode ser experimentada. Essa vivência, apesar de única, pode sempre ser capaz de transcender a relação no *setting* terapêutico. Conforme Roustag[38], a relação terapêutica pode tornar-se um espaço onde o sujeito experimenta transformar, significar e re-significar suas experiências de forma autêntica e espontânea, a fim de diante do amparo oferecido pela segurança dessa relação, poder em alguma medida reencontrar-se consigo, sua história, seus vínculos e assim experimentar a potente cura pelo encontro verdadeiramente sólido entre dois seres humanos como pessoas [39, 8].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da bibliografia pesquisada, percebeu-se que a modernidade líquida promove mudanças em noções fundamentais e constitutivas da identidade dos sujeitos, sua subjetividade e seu modo de desenvolver relacionamentos. Desse modo, na medida em que a maneira de ser no mundo dos indivíduos é tangenciada pelo funcionamento social (que na modernidade líquida comunga de uma lógica pautada pelo consumismo, a virtualização, a superficialidade nos relacionamentos, a volatilidade das identidades e a captura da facilidade de viver-se a apropriação de sua própria experiência), o *setting* terapêutico também atravessa-se por tal, uma vez que, o processo proposto pela ACP depende da lida com esses sujeitos, acostumados a liquidificar seus vínculos e distanciados de uma vivência congruente. Estes, conseqüentemente adoecidos psiquicamente, mostram-se inicialmente rígidos a um movimento que os convoque a um encontro capaz de facilitar uma vivência autêntica.

Nessa perspectiva, vimos o desafio que a lógica pós-moderna impõe também ao convoca(dor) do encontro, terapeuta, ser em relação, igualmente incitado pelas



imensas “ondas liquidificantes” desse tempo histórico, mas que quando decide pela força da relação terapêutica promove, junto ao cliente, solidificação.

Finalmente, o sentimento é de que as reflexões abordadas nesse trabalho não foram esgotadas e representam apenas o esboço de um pensamento a ser mais explorado. Espera-se, entretanto, ter contribuído no despertar de uma ótica capaz de enxergar o desafio que a pós-modernidade lança à clínica rogeriana, não enquanto um entrave paralisante, mas como uma oportunidade da mesma mostrar sua eficácia que reside no desafio de convocar os homens líquidos a um encontro com a solidez na relações.

REFERÊNCIAS

- [1] Bauman Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2008.
- [2] Rogers CR, Kinget GM. Psicoterapia e Relações Humanas. V. 1. Belo Horizonte: Interlivros; 1977.
- [3] Bauman Z. Modernidade líquida. P. Dentzien. (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2000.
- [4] Bauman Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2004.
- [5] Bauman Z. Vida líquida. C. A. Medeiros. (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2007.
- [6] Bauman Z. 44 Cartas do Mundo Líquido Moderno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2011.
- [7] Rogers CR. Terapia centrada no cliente. Lisboa: Editores Moraes; 1951.
- [8] Rogers CR. Psicoterapia e Relações Humanas. V. 2. Belo Horizonte: Interlivros; 1977.
- [9] Rother ET. Revisão sistemática X revisão narrativa. Acta Paulista de Enfermagem. 2007; 20(2): 5-6.
- [10] Silva RB, Mendes JPS, Alves RSL. O conceito de líquido em zygunt bauman: contemporaneidade e Produção de subjetividade. Athenea Digital. 2015; 15(2): 249-264.



[11] Berman M. Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras; 2007.

[12] Gabriel FA, Pereira AL, Gabriel AC. Modernidade líquida e consumismo no pensamento de Zygmunt Bauman. Revista Intersaberes. 2019; 14(33).

[13] Lipovetsky G, Charles S. Os tempos hipermodernos. M. Vilela. (Trad.). São Paulo: Barcarolla; 2004.

[14] Sá O, Retz RG. Introdução a BAUMAN: o mundo como texto. Quanta Comunicação e Cultura. 2015; 1(1).

[15] Retondar AM. A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como "contexto social" de produção de subjetividades. Soc. Estado. 2008; 23(1): 137-160.

[16] [Silva RF, Carvalho AB.](#) Amizade e a virtualização das relações humanas na sociedade contemporânea: reflexões a partir de Zygmunt Bauman. Revista Espaço Acadêmico. 2014; 153: ano XIII.

[17] Vigotsky LS. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes; 1991.

[18] Lima FLA. Construção da identidade paterna: repercussões no pré-natal masculino. [Tese]. João Pessoa: Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba; 2014.

[19] Silva JS, Gama E, Silva LAAS. O paradoxo do camaleão: identidade e modernidade líquida segundo a análise de Zygmunt Bauman. Rev. Sociologias Plurais. 2019; 5(1): 451-468.

[20] Pivetta D, Matos L, Alexandre I. Crise de identidade do sujeito. Rev Eventos Pedagógicos. 2012; 3(2): 337-345.

[21] Bortolazzo SF. De comte a bauman: algumas aproximações entre os conceitos de geração e identidade. Estudos de Sociologia. 2016; 1(22): 121-143.

[22] Cugini P. Identidade, afetividade e as mudanças relacionais na modernidade líquida na Teoria de Zygmunt Bauman. Diálogos Possíveis. 2014; 7(1).

[23] Freire DS, Andrada BCC. A violência do/no corpo excessivo dos transtornos alimentares. Cad. Psicanálise. 2012; 34(26): 27-36.

[24] [Bernardes T. Adolescência, Mídia e Transtornos Alimentares: uma Revisão Bibliográfica. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso \(Bacharel em Enfermagem\) Uruguaiana: UNIPAMPA; 2010.](#)

[25] Mattos JM. Os aspectos sócio culturais dos transtornos alimentares na constituição da subjetividade de mulheres portadoras destes distúrbios. [Dissertação]. Rio de Janeiro: Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.



- [26] Esteves FC, Galvan AL. Depressão numa contextualização contemporânea. *Aletheia*. 2006; 24: 127-135.
- [27] Maciel MR. Depressão e Criatividade do Indivíduo Contemporâneo. *Cadernos de psicanálise*. 2002; 24(15): 111-123.
- [28] Merquior M. O cenário contemporâneo: violência e drogadição entrelaçando contextos de subjetivações. *Percurso*. 2002; 28(1): 41-48.
- [29] Organização Mundial de Saúde (OMS). Folha informativa dos transtornos mentais. 2018 [cited 2018 09 out] Available from: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5652:folha-informativa-transtornos-mentais&Itemid=839>
- [30] Bezerra MES, Bezerra EN. Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. *Rev. NUFEN*. 2012; 4(2): 21-36.
- [31] Brodley B. O conceito de tendência atualizante na teoria centrada no cliente. *Rev. A Pessoa como Centro*. 1998; 2: 37-49.
- [32] Santos CB. Abordagem centrada na pessoa - relação terapêutica e processo de mudança. *PsiLogos: Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca*. 2004; 1(2): 18-23.
- [33] Forghieri YC. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning; 2004.
- [34] Natiello P. The collaborative relationship in psychotherapy. *The Person-Centered Journal*. 1994; 1(2): 11-18.
- [35] Braga GLB, Vandenberghe L. Abrangência e função da relação terapêutica na terapia comportamental. *Estudos de Psicologia*. 2006; 23(3): 307-314.
- [36] Savoia MG. *Psicologia social*. São Paulo: McGraw-Hill; 1989.
- [37] Ramos A. *Introdução à psicologia social*. 4. ed. Santa Catarina: UFSC; 2003.
- [38] Roustang F. *Influence*. Paris: Les Editions de Minuit; 2000.
- [39] Fonseca Filho JS. *Psicodrama da Loucura: correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Agora; 1980.